



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

LIVROS COMO ESCOLA DE VIDA

Mônica Karina Santos Reis

(UFRGN)

Maria da Conceição Xavier de Almeida

(UFRGN)

RESUMO

Tem como propósito ressaltar a importância do livro na vida de dois intelectuais de importância seminal para as Ciências e para a vida. Ao utilizar o método como estratégia, elege como operador cognitivo o livro como ferramenta do aprendizado da ciência e da cultura, na concepção de literatura e romance preconizada por Edgar Morin; De natureza bibliográfica, recorro a filósofos da ciência e da cultura, como Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Ilya Prigogine, Umberto Eco, dentre outros, para a construção do referencial teórico. O artigo se situa na interface entre literatura, complexidade e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Complexidade. Educação.

INTRODUÇÃO

Ilya Prigogine (2002) afirma em seu livro *Do ser ao devir: nomes de deuses: entrevistas a Edmond Blattchen*: “Há uma história cosmológica, no interior da qual

· Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora do Grupo de Estudos da Complexidade. monicabiblioufrn@gmail.com

· Professora Titular. Professor Colaborador Voluntário do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenador do Grupo de Estudos da Complexidade. calmeida17@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

há uma história da matéria, no interior da qual a há uma história da vida, na qual há finalmente nossa própria história” (PRIGOGINE, 2002,p.26).

Desdobro as palavras de Ilya Prigogine (2002) e sugiro que na história do homem construiu-se a história do livro. Atribuindo a este, a missão de registrar grande parte do conhecimento produzido, tornar-se o principal meio de comunicação e propagação da cultura científica e literária e fazer perpetuar a memória humana. Com base nesse argumento este artigo retrata a importância do suporte livro na vida de dois intelectuais de importância seminal para as Ciências e para a vida.

Para tanto o presente artigo sugere o uso do livro como ferramenta para o aprendizado da ciência e da cultura, como uma escola para a vida, conforme alusão feita por Edgar Morin (1921) ao gênero romance, em algumas de suas obras sobre educação. Tomo como exemplo a influência da literatura na formação intelectual do onívoro cultural Edgar Morin e do poeta da termodinâmica Ilya Prigogine.

De natureza bibliográfica, recorro a interlocutores da ciência e da cultura para corroborar com os argumentos aqui expostos tais como Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Ilya Prigogine, Umberto Eco e dentre outros.

LIVROS COMO ESCOLA DE VIDA

Os livros nos acompanham por toda a vida. Quando crianças, nós ganhamos de presente dos nossos pais. Ao iniciar as atividades na escola, é no formato de livros que conhecemos o saber. Quando é chegado o momento de aprender a nossa língua vernácula, de conhecer as operações e equações matemáticas, conhecer nosso lugar de pertencimento, o restante do mundo, e conhecer a história dos nossos antepassados, é sempre o livro o passaporte que utilizamos para deixar o estágio de ignorância e adentrar no mundo do conhecimento.

Quando nos tornamos adultos e ingressamos nas universidades ou buscamos aprender uma profissão, mais uma vez eles estão lá do nosso lado e ao



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

nosso redor. Quando queremos presentear um amigo, o livro também é uma de nossas opções. Quando nos tornamos pais, somos responsáveis por iniciar nossos filhos na cultura dos letrados. Aqui podemos fazer referência a uma célebre frase proferida por Bill Gates: 'é claro que meus filhos terão computadores, mas antes terão livros'.

Atualmente, mesmo envoltos em tantos estímulos e recursos midiáticos, na homogeneização do pensamento, na proliferação das culturas de massa, vivendo na sociedade do simulacro, da substituição e do descartável, resultantes da dialética produção e consumo, ainda há uma frente de resistência que produz, comercializa e consome livros em todo o mundo.

Como explicar que no mundo da informática e da imagem a resistência dos leitores que insistem em exibir seu amor pelo livro, esse objeto de papel, retangular, que promove prazer físico, emocional e intelectual? Talvez pelo fato de o livro caindo n'alma impregná-la da magia da imaginação, da vontade de se saciar de seu alimento, da busca de um diálogo em silêncio profundo, e por fim, mas não como um finalmente, pela insaciável necessidade da troca e de fazer germinar o mesmo sentimento em outros (PALÁCIOS, 2003, p. 173).

O livro nos toca a alma, nos faz dialogar com nosso mundo noológico^{§§§§§§§§} exercitar uma de nossas necessidades mais viscerais, que é a de nos comunicar com o outro. Isso pode, dentre outros aspectos, nos levar a pensar que não foi de forma despreziosa que o homem sempre buscou transmitir no formato de livro, e ao maior número de pessoas, algumas de suas verdades mais profundas. Por exemplo, a Bíblia Sagrada para os cristãos, o Alcorão para os muçulmanos, Mein Kampf de Adolf Hitler (1889-1945) para os alemães, dentre outros.

§§§§§§§§ A expressão *noologia* foi criada por Teilhard Chardin (1881-1955) para nominar o mundo das ideias, da cognição. Para o teólogo, o mundo noológico se refere a cosmologia do pensamento humano. A noologia é assumida como conceito por Edgar Morin que faz uso da expressão de forma abundante em toda sua obra.



Nessa direção, podemos perceber que para a leitura do mundo, o livro desempenha importante função. Talvez seja ele a mais nobre mídia para leitura. A excelência do livro decorre provavelmente do seu poder de registro e resgate do conhecimento, que aliado a novos saberes pode ser capaz de impulsionar o desenvolvimento não apenas de indivíduos, mas de todo um grupo social. Parte daí o sagrado do livro e a importância que ele exerce (MACEDO, 2014, p. 34).

Seja de forma sagrada ou laica, aprendemos a conhecer o mundo por meio dos livros. Neles, pautamos não só a formação religiosa, cultural e científica, mas de uma forma geral nossa formação humana. As narrativas encontradas nos livros são compostas de elementos que nos permitem entender o mundo, compreender fenômenos e aprender valores humanos.

Uma educação complexa, com ensinamentos sobre a condição humana é uma das proposições defendidas por Edgar Morin (2013). Para ele, aprendemos a viver pelas nossas experiências, pelo convívio com nossos entes mais próximos e pela leitura dos livros, e mais especificamente do romance. “Viver se aprende por suas próprias experiências, com a ajuda do outro, principalmente dos pais e professores, mas também dos livros, da poesia” (MORIN, 2013a, p. 192).

A literatura comporta o que é da ordem do real e do imaginário. Nós humanos vivemos todo o tempo nessa tensão e dualidade. Na vida e nas ideias, ninguém consegue ser permanentemente racional, nem tão pouco podemos nos ater ao mundo onírico. Muitas vezes sonhamos acordados e tantas outras enxertamos doses de realidade no nosso mundo imaginário. Essa proximidade entre o concreto e o abstrato presente na literatura é o que faz Morin (1997) afirmar que:

A literatura prepara-nos para a vida. Ela canaliza o movimento entre o real e o imaginário. Aleita nossos tropismos afetivos. No final da infância, ela nos dota de uma alma... Ela propõe moldes sobre os quais se vestirão nossas tendências individuais, e este vestir, sejam roupas sob medida sejam de confecção, dará forma à nossa personalidade. Ela nos oferece antenas para entrar no mundo. Não quero dizer que ela nos



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

adapta a este mundo: ao contrário, seus fermentos de rejeição e de inadaptção, seu caráter profundamente adolescente contradizem este mundo. Mas contradizem-no dando-nos acesso a ele (MORIN, 1997, p. 20).

Na vida real não podemos viver no lugar do outro. Não podemos transmitir conhecimentos, experiências. Mas a literatura e o romance nos dão senhas que nos permitem compartilhar a vida do outro, imaginar suas dores, seus amores, seus sonhos, suas derrotas. Esse exercício de se colocar no lugar do outro, tão raro no cotidiano da vida real, ajuda na formação do nosso caráter e na formação de uma consciência menos individualista e mais coletiva. O ato de compreender o outro, nos leva à auto compreensão.

O livro ao longo dos tempos ultrapassou os limites da compreensão de conteúdos disciplinares esgarçando-a para uma compreensão ainda maior que é da condição humana. Podemos perceber que ao mesmo tempo em que é importante compreender os conteúdos escolares que nos servem de insumo para crescimento intelectual, precisamos adquirir conhecimentos que retratem de problemas globais, reais e marginalizados para que possamos contribuir para a compreensão da consciência da complexidade das relações humanas e sociais.

Por meio da literatura e do romance podemos exercitar sentimentos e reações opostas e complementares as que de forma racional e no cotidiano comum sequer poderíamos cogitar. Isso porque a compreensão entre indivíduos e entre sociedades pressupõe o exercício de atitudes necessárias ao desenvolvimento humano que são a democracia, a tolerância e o acolhimento à diversidade.

Nada pode ser mais passional do que um romance e nos encantar mais que uma bela poesia. Nada pode representar melhor a problemática humana do que as grandes obras literárias. O verdadeiro papel da educação é proporcionar um despertar para a ciência, mas também para a filosofia, literatura, música e para as artes. É isso que completa a nossa vida. Para Morin (2011),

O romance e o cinema oferecem-nos o que é invisível nas ciências humanas; estas ocultam ou dissolvem caracteres



existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seu envolvimento, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade [...] (MORIN, 2011, p. 43-44).

O mundo da razão não pode de forma alguma estar dissociado do mundo da paixão. São duas características presentes na natureza humana, indissociáveis, e que conseguimos perceber de forma plena nas estrofes dos poemas ou nas páginas de um romance. O homem que raciocina, que produz conhecimento científico é ao mesmo tempo aquele que ama, odeia, deseja, repudia. “É no romance, no teatro, no filme, que percebemos que *Homo sapiens* é, ao mesmo tempo, indissolúvelmente, *Homo demens****** (MORIN, 2011, p. 49).

Morin (2011) conta que, em seu tempo de estudante, quando as aulas estavam muito enfadonhas, ele abria escondido um romance, baixava a cabeça e fingia estar prestando atenção na aula quando, na verdade, estava lendo um romance. O caráter enfadonho das aulas a que ele se refere diz respeito a pedagogia tradicional embasada na repetição e na aquisição gradativa de novos conhecimentos.

Por sua vez, a leitura de um romance, o elevava da condição de subordinado a condição de protagonista do processo de aprendizagem, proporcionando autonomia, sem obedecer necessariamente a uma linearidade, alargando o repertório de conteúdos e estabelecendo relação direta com os problemas globais que afetam a humanidade. Por isso para ele, uma obra literária ensina muito mais sobre o mundo. “É o romance que expande o domínio do dizível à infinita complexidade de nossa vida subjetiva, que utiliza a extrema precisão da palavra, a

***** Originariamente, e a partir do evolucionismo de Darwin, a distinção do homem em relação aos outros animais foi feita com base no conceito de *Homo Sapiens*, isto é, um animal que faz uso da razão. Posteriormente, a expressão ganha outra palavra e a espécie humana passa a ser definida como *Homo-Sapiens-Sapiens*, isto é, aquele que sabe que sabe, é dotado de consciência e da capacidade de julgar. Com Edgar Morin nossa espécie passa a ter como característica de distinção os atributos da imaginação desmesurada e da loucura, daí o homem ser compreendido agora como *Homo-Sapiens-Demens*.



extrema sutileza da análise, para traduzir a vida da alma e do sentimento” (MORIN, 2011, p. 49).

Toda grande obra de literatura apresenta em seu conteúdo uma dimensão histórica, psicológica, social, poética e filosófica e cada um desses aspectos traz esclarecimentos e informações importantes para se pensar a ciência, a vida e o nosso cotidiano e, por muitas vezes, até mesmo sobre ciência, aprende-se muito mais em um livro de literatura do que no próprio livro científico.

Nise da Silveira, no documentário que registra uma grande entrevista feita por Edgard de Assis Carvalho e Edson Passetti no projeto que se chamava Entrevista com pessoas notáveis, fala da literatura. No vídeo, Nise afirma a importância para a formação da psique humana da leitura permanente de Machado de Assis. Diz ela que, muitas vezes, o estudante da Psicanálise na sua formação aprende muito mais lendo várias vezes Machado de Assis do que lendo o maciço compêndio de psiquiatria (ENCONTRO, 1992).

No âmago da leitura, a magia do livro nos faz compreender o que não compreendemos na vida comum. Na vida real, percebemos os outros apenas em sua aparência exterior, somos quase indiferentes às misérias físicas e morais. Ao passo que, nas páginas do livro, eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas e nós exercitamos a comiseração, a piedade e a bondade. Enfim, podemos aprender as maiores lições da vida (MORIN, 2011).

Infelizmente, o modelo de educação praticado na atualidade opera pela lógica fragmentada da disjunção. Separa razão de emoção, ciência de humanismo, filosofia, arte e literatura. Os conteúdos disciplinares obedecem a um programa preestabelecido e incomunicante entre as distintas áreas do saber.

Nesse programa, o ensino da literatura se atém ao reconhecimento histórico e muitas vezes enfadonho de conteúdos maçantes e pouco atrativos. Não se recorre à literatura nos patamares complexos. Como forma de retratar não só a arte e a cultura de uma determinada época, mas antes que dê conta da compreensão dos problemas da condição humana e nos faça refletir sobre eles.



Ao fragmentar o romance a apenas uma de suas possibilidades, perde-se a amplitude de refletir sobre as múltiplas dimensões da experiência humana. Dessa forma, incorremos no erro comumente praticado de tentar refletir de forma racional e objetiva sobre o caráter passional e subjetivo da vida. Por isso, Morin (1997) afirma que sente

[...]cada vez mais que somente um grande romance consegue exprimir as múltiplas dimensões da experiência humana, as vidas subjetivas interiores, os comportamentos numa sociedade, numa história, num mundo, enquanto expõe, seja pela boca dos personagens, seja sob a pena do autor, ou até mesmo implicitamente, os problemas da existência humana (MORIN, 1997, p. 22).

Não se explora, por exemplo, a riqueza do conteúdo de um romance para tratar de temas que são considerados como tabus para a nossa sociedade e que são tão bem retratados na liberdade de expressão e riqueza de detalhes que só em um romance nos é permitido. “Com a marginalização da filosofia e da literatura, falta cada vez mais à educação a possibilidade de enfrentar os problemas fundamentais e globais do indivíduo, do cidadão, do ser humano” (MORIN, 2013a, p. 192).

Precisamos tecer o fio de Ariadne⁺⁺⁺⁺⁺ e utilizá-lo nos labirintos reais da condição humana que nos permita, não sair do labirinto, mas transformá-lo em via comunicante com a concepção de mundo atual; religar aquilo que o pensamento da disjunção fragmentou; articular saberes não para acumulá-los, mas para organizá-los em torno de noções e ideias que nos possibilitem a produção do conhecimento

⁺⁺⁺⁺⁺**Ariadne**, segundo a mitologia grega, é a filha de Minos, rei de Creta e Parsífae, rainha de Creta. Apaixonou-se por Teseu quando este foi mandado a Creta, voluntariamente, como sacrifício ao Minotauro que habitava o labirinto construído por Dédalo e tão bem projetado que quem se aventurasse por ele não conseguiria mais sair e era devorado pelo Minotauro. Teseu resolveu enfrentar o monstro. Foi ao renomado Oráculo de Delfos para descobrir se sairia vitorioso. O Oráculo disse-lhe que deveria ser ajudado pelo amor para vencer o minotauro. Ariadne, a filha do rei Minos, lhe disse que o ajudaria se este a levasse a Atenas para que ela se casasse com ele. Teseu reconheceu aí a única chance de vitória e aceitou. Ariadne, então, deu-lhe uma espada e um novelo de linha (Fio de Ariadne), para que ele pudesse achar o caminho de volta, do qual ficaria segurando uma das pontas. Teseu saiu vitorioso e partiu de volta à sua terra com Ariadne, embora o amor dele para com ela não fosse o mesmo que o dela por ele.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

pertinente; reintroduzir o sujeito no conhecimento que ele produz, e reintroduzir o ensino da literatura na formação educacional, considerando esta como uma das disciplinas mais adequadas para servir de tema transdisciplinar.

É preciso gestar uma nova ciência que articule cultura científica e cultura humanística, o diálogo entre arte, ciência e espiritualidade, o intercâmbio entre áreas do conhecimento e disciplinas, a consciência da parcialidade das explicações científicas, a reorganização dos saberes, a aposta na educação como facilitador da reforma do pensamento, e repensar a ética da ciência e o papel do intelectual na sociedade atual (ALMEIDA; CARVALHO, 2013).

O sistema atual de ensino necessita renovar suas estruturas e métodos. A prática educacional deve partir da concepção de não mais capacitar o indivíduo para o exercício de uma profissão, mas antes prepará-lo para a vida. Os saberes compartilhados devem estar em constante sintonia com o cenário globalizado no qual estamos inseridos. Essa 'mundialização', conforme termo utilizado por Morin (2003), pressupõe do indivíduo competências para conviver com guerras, catástrofes, capitalismo exacerbado e desigualdades de toda espécie.

Para dar conta de temas tão complicados e complexos, faz-se necessária a utilização de múltiplas fontes de conhecimento. Nesse caso, a literatura, por meio de sua narrativa livre e despregada das amarras da racionalidade, pode proporcionar à formação de crianças, jovens e adultos uma nova forma de perceber os problemas do mundo e acompanhar esse ambiente em constante mutação.

Yves Bennefoy (2003) afirma que a poesia é o fermento necessário a qualquer pesquisa e que a produção científica pode ser traduzida como poesia transposta. Para corroborar com esse argumento, exponho aqui fragmentos da vida e obra de dois filósofos da ciência que têm em sua carreira e história de vida a presença marcante da filosofia, da literatura e das artes.



EDGAR MORIN: O CONTRABANDISTA DE SABERES

Começo por Edgar Morin, nascido a 8 de julho de 1921, filho do Sr. Vidal Nahoum e de Luna Beressi, tem dificuldade de se definir por uma área específica do conhecimento. Licenciado em História, Geografia e Direito, ele é mais propriamente, como por vezes anuncia, um "contrabandista de saberes", um "artesão sem patente registrada", porque transita livremente por entre as arbitrarias divisões, entre as ciências da vida, do mundo físico e do homem. Essa ausência de origem unitária o acompanha até hoje e se constitui numa experiência que facilita sua atitude transdisciplinar.

Morin é movido por vários "demônios", como confessa no livro *Meus Demônios* (1997), no qual expõe as circunstâncias sociais, familiares e políticas que delinearão seu caminho intelectual. Nesse livro, Morin afirma não ter herdado nenhum pertencimento por parte de sua família, a não ser o amor pela música, pela canção popular, por parte de pai e pelo bel-canto por parte de mãe, fato esse que fez com que ele fosse construindo sua personalidade com base em suas vivências.

O artesão do pensamento complexo se autodenomina um onívoro cultural. Entusiasta e entusiasmado pela literatura, pela música e pelo cinema, ainda na adolescência, ao mesmo tempo em que exercita seu gosto pela literatura, adquire o hábito de ir a concertos musicais e aos cinemas existentes perto de sua casa. É na literatura, afirma ele, que se transporta para uma vida imaginária, onde encontrará as verdades da vida concreta (MORIN, 1997).

Essa relação se expressa de forma sublime no livro *Meus filósofos* (2013b). Nessa obra, Morin afirma que seus filósofos não se reduzem aos "filósofos" oficiais. Entre eles encontram-se romancistas, matemáticos, fundadores da espiritualidade. Diz Morin que, sem eles, não seria ninguém. Foram "eles que nutriram minha vida ao nutrirem meu pensamento, e meu pensamento, formado a partir deles, nutriu minha vida" (MORIN, 2013b, p. 17).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Na lista de pensadores enumerados por Morin não constam apenas nomes consagrados da ciência ou da filosofia, ou de uma área específica do conhecimento. Da Filosofia à Ciência, do romance literário à música erudita, a arte popular e contemporânea, ele elenca: Heráclito (535 a.C.-475 a.C.), Buda (563 a.C.-483 a.C.), Jesus (2 a.C.-33 d.C.), Michel de Montaigne (1533-1592), René Descartes (1596-1650), Baruch Spinoza (1632-1677), Jean Jacques-Rousseau (1712-1778), Karl Marx (1818-1883), Fiódor Dostoiévski (1821-1881), Marcel Proust (1871-1922), Sigmund Freud (1856-1939), Martin Heidegger (1889-1976). Os pensadores da ciência e os cientistas pensadores: Henri Bergson (1859-1941), Gaston Bachelard (1884-1962), Jean Piaget (1896-1986), John von Neuman (1903-1957), Heinz von Foerster (1911-2002), Niels Bohr (1885-1962), Karl Popper (1902-1994), Thomas Kuhn (1922-1996), Gerald Holton (1922), Imre Lakatos (1922-1974), Edmund Husserl (1859-1938), Ivan Illich (1926-2002), Ludwig van Beethoven (1770-1827), Immanuel Kant (1724-1804).

O pensamento “moriniano” é entrelaçado tanto quanto possível de dualidades, contradições e relações complexas entre filosofia, ciência, literatura e poesia, que comporta necessariamente a integração simultânea de múltiplas dimensões da realidade humana e incertezas.

ILYA PRIGOGINE: O POETA DA TERMODINÂMICA

O segundo exemplo refere-se a Ilya Prigogine (1917-2003), físico-químico russo nascido em Moscou, Rússia, e naturalizado belga, filho de judeus. Nasceu poucos meses antes do início da Revolução Russa e, por causa de problemas com o novo regime político, sua família teve que deixar a Rússia (1921). Por alguns anos viveu como migrante na Alemanha (1921-1929) e, em seguida, fixou-se em Bruxelas, na Bélgica (1929), onde praticamente desenvolveu toda a sua educação básica e profissional.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Prigogine recebeu o Prêmio Nobel de Química (1977) por sua contribuição ao estudo do desequilíbrio termodinâmico ou teoria das estruturas dissipativas. Além do Nobel, foi agraciado com mais de vinte prêmios científicos e condecorado com muitas medalhas de honra. Membro de mais de uma centena de academias de ciências e sociedades profissionais pelos quatro continentes, foi Dr. Honoris Causa e Professor Honorário em mais de 40 universidades pelo mundo, inclusive a Federal do Rio de Janeiro (1981). Nos últimos anos de vida, dirigiu o International Solvay Institutes for Physics and Chemistry, em Bruxelas, cidade onde morreu.

Além do curriculum de sucesso na ciência e na academia, Prigogine era um homem sensível e encantado pelas artes. A esse respeito, Almeida (2004) em seu artigo A ciência como bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine, texto escrito logo após sua morte e em deferência a brilhante carreira, destaca que “o interesse pela música, literatura, arqueologia, psicologia, direito e história tece a formação humanista de um cientista que centra suas pesquisas na química orgânica e depois na físico-química” (ALMEIDA, 2004, p. 77).

Trata-se de um dos cientistas mais brilhantes do século XX. “Para os físicos, ele era considerado o poeta da termodinâmica, para Edmond Blattchen, a primeira personalidade belga de renome internacional e um dos maiores sábios desde Albert Einstein” (ALMEIDA, 2004, p. 77).

Com o exemplo de vida e obra desses dois intelectuais da ciência, da sociedade e da vida, pretendi sinalizar a importância de se reconhecer que, talvez, sem a influência da literatura, da música e da arte, suas teorias não expressassem o nível de complexidade que hoje conhecemos.

VIDA FORMADA POR PÁGINAS

Os relatos de vida e obra desses dois intelectuais nos servem como operador cognitivo para compreender a importância do livro no processo de formação escolar, educacional e científica e para, além disso, uma formação que



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

nos ensine sobre a nossa condição humana e planetária. Fazendo uma analogia poderíamos afirmar que nossa formação humana vai sendo construída ao longo de nossa vida como páginas de um livro.

Estes argumentos nos remetem a concepção de livro defendida por Umberto Eco e Jean Claude Carrière (2010) em *Não contem com fim do livro*. Para os autores o livro, e entenda-se por livro o impresso, pode ser considerado como uma invenção insuperável na ordem do imaginário humano. Ao advogar a defesa da perenidade do livro como uma das principais fontes do conhecer, os autores ressaltam a inter-relação existente entre este suporte e o indivíduo, a sociedade e a cultura.

Para eles pensar no desaparecimento do livro é apagar da história da humanidade um ícone de conhecimento e progresso tão presente na nossa cultura. É pensar por consequência no desaparecimento das bibliotecas, esses espaços de reflexão e de sabedorias acumuladas. O livro, na forma como o conhecemos hoje, não irá desaparecer porque mesmo na atualidade, com o processo de mundialização da cultura, das comunicações e imerso em uma dependência gradual dos recursos tecnológicos, ele ainda resiste e persiste como principal fonte de conhecimento.

Com base nesses argumentos defendemos a pertinência do livro no processo de formação educacional dos indivíduos, para que esta, não seja especificamente técnica nem mecânica, mas, acariciável como o folhear as páginas de um bom livro. E na construção de uma identidade planetária que dê conta de pensar, repensar e contribuir para resolução de problemas globais, tornando o nosso mundo um pouco melhor.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e metamorfoses**: uma experiência de reforma universitária. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **A ciência como bifurcação**: uma homenagem a Ilya Prigogine. Revista Famecos, n. 23, 2004, p. 77-84.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 6. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.
- BENNEFOY, Yves. Poesia também se ensina na escola. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria; ALMEIDA, Angela Maria. **Polifônicas ideias**: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 135-139.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ENCONTRO** com pessoas notáveis n.1: Nise da Silveira. Produção de Edson Passeti. São Paulo: Fundação Cultural São Paulo; PUC-Cogea. 1 fita de vídeo (45 min). 1992.
- MACEDO, Helton Rubiano de. **Das estantes para a tela**: práticas de universitários leitores de livros impressos e digitais. Natal: EDUFRN, 2014.
- MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. Revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013a.
- MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2013b.
- PALÁCIOS, Fernando Antônio Colares. Semeador de Livros. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria; ALMEIDA, Angela Maria. **Polifônicas ideias**: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 173-174.
- PRIGOGINE, Ilya. **Do ser ao devir**: nomes de deuses: entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.